



PRAÇA DO ARSENAL E PARQUE NATURALÍSTICO MANGAL DAS GARÇAS: uma análise sobre espaços de lazer no bairro da Cidade Velha em Belém, Pará

COSTA FILHO, SIDNEY PERY DA SILVA

Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá, Belém. sidney_pery@hotmail.com

QUEIROZ, THAYSE LAYANE OLIVEIRA DE

Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá, Belém. thayseloq@gmail.com

CARVALHO, RONALDO N. F. MARQUES DE

Universidade Federal do Pará. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Cidade Universitária José da Silveira Netto, Guamá, Belém. romarca@ufpa.br

RESUMO

O primeiro bairro da cidade de Belém, Pará, foi a Cidade Velha. Por conta disso, carga que o nome do bairro carrega ainda é capaz de relacioná-lo essencialmente a seu núcleo inicial de fundação. Mas existe uma outra parte do bairro, a qual possui ocupação mais recente e um perfil diferente quando comparado àquele núcleo inicial. Nela estão localizados dois espaços contíguos e que são apropriados de diferentes maneiras pela população do bairro e da cidade em geral: a Praça do Arsenal e o Parque Naturalístico Mangal das Garças. A configuração moderna das Praças implantadas quando da urbanização do Canal da Avenida Tamandaré cria um espaço disciplinado que contrasta com a configuração orgânica e a fruição da natureza proporcionada ao ingressar no parque. Objetiva-se neste artigo refletir acerca da percepção dos usuários de ambos os espaços, contribuindo para o reconhecimento do papel desta área da cidade na vida de seus habitantes e revelando a coexistência de arquiteturas de temporalidades distintas.

Palavras-chave: Praça do Arsenal; Mangal das Garças; Cidade Velha; percepção; Belém - Pa.



INTRODUÇÃO

O bairro da Cidade Velha (fig. 1) foi o primeiro bairro de Belém, Pará, e portanto, o local onde a cidade começou, a partir de 1616, com a chegada dos colonizadores portugueses. A porção inicial do bairro, a qual abriga numerosos sítios e edificações de interesse à preservação, hoje é conhecida como núcleo inicial de fundação e seus limites estão inscritos na poligonal que demarca o Centro Histórico de Belém (CHB), definida pela lei 7.709/94¹ (COSTA FILHO, 2019). Com o passar do tempo e expansão dos limites urbanos, novas áreas passaram a ser ocupadas e, com isso, a ocupação de uma outra parte do bairro foi iniciada e possibilitada graças às obras governamentais desenvolvidas como o aterramento do Alagado do Piri e a abertura de novas ruas e travessas, entre fins do século XVIII e início do século XIX (CRUZ, 1973). Porém, essa porção do bairro em particular, teve sua ocupação intensificada principalmente entre os anos de 1940 e 1950, com a execução de obras como a construção do Dique da Estrada Nova (DEN), a partir de 1944 (SANTOS, 2016) e, a partir da década de 1950, com a realização pela Prefeitura de Belém, de uma grande obra de saneamento, dispondo alagados dos bairros da Cidade Velha, Campina e Jurunas sob a influência do Canal da Tamandaré, o primeiro a ser assentado, sendo mantido aberto até os dias de hoje (BELÉM, 2016). O canal atua também como um limite natural, físico e geográfico capaz de dividir o bairro em duas partes.

A porção mais recente do bairro, inscrita na área denominada como Entorno do Centro Histórico, possui um perfil diferente quando comparada ao núcleo inicial de ocupação: ruas e calçadas mais largas, limite de gabarito permitido até 22 metros de altura (contra os 7 metros permitidos no núcleo inicial) e, diferentemente da linguagem eclética e das edificações com linhas coloniais, predominantes na “Cidade Velha Patrimonial”, a predominância nesta porção do bairro é a das edificações de renovação, aquelas as quais a legislação vigente permite uma nova construção em seu lugar (COSTA FILHO, 2019). Embora nesta área existam edificações de interesse à preservação, estas podem ser encontradas em menor número. Ademais, a área possui uma paisagem ainda em constante transformação, em grande parte devido aos projetos e empreendimentos que continuam a ser executados ou implantados na mesma. Desta forma, são originados espaços como a Praça do Arsenal e o Parque Naturalístico Mangal das Garças, que além de constituírem opções de lazer para a população do bairro, representam intervenções modernas e contemporâneas.

¹ A lei 7.709/94, também conhecida como Lei do Centro Histórico, dispõe sobre a preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Belém e dá outras providências. A poligonal do CHB e entorno criada em função desta lei é utilizada pela Fundação Cultural do Município de Belém (FUMBEL). Ela inclui o núcleo inicial de fundação da Cidade Velha, todo o bairro da Campina e parte do bairro de Batista Campos. O entorno do CHB inclui a porção mais recente da Cidade Velha e parte dos bairros de Nazaré e do Reduto.



Figura 1. Divisão possível de ser feita do bairro em duas partes, com a indicação do núcleo inicial de fundação em azul, porção de ocupação mais recente em rosa e Canal da Tamandaré, indicado por uma linha amarela. É mostrada também uma ampliação da porção mais recente, com a indicação de suas vias por diferentes cores.

Fonte: Sidney Pery, 2021.

A PRAÇA DO ARSENAL E A PRAÇA HERÓIS DA MARINHA

Com desenho que reproduz a simetria típica dos jardins franceses, a Praça do Arsenal (fig. 2), também conhecida como Praça 11 de Junho² ou Praça Carneiro da Rocha³, teve como primeira denominação “Largo do Bagé”, o qual originou a atual praça. O referido largo foi o local escolhido para ser instalado o primeiro patíbulo⁴ da cidade, em frente ao Convento de São Boaventura. De acordo com registros, foram executados 128 condenados no local (SOARES, 2009). O “Arsenal” posteriormente atribuído ao nome da praça se refere ao Arsenal de Marinha do Pará, instalado, a partir de 1761, no então Convento de São Boaventura, edificação que hoje abriga o Comando do 4º Distrito Naval da Marinha, criado em 1933. A imponente edificação eclética ainda mantida em boas condições de conservação é um dos prédios situados no perímetro da praça.

² Soares (2009) afirma que o nome 11 de Junho evoca a data da Batalha do Riachuelo, a qual ocorreu durante a Guerra do Paraguai, grande conflito armado internacional decorrido na América do Sul entre 1864 e 1870.

³ Manuel Carneiro da Rocha foi capitão de fragata e inspetor do Arsenal de Marinha do Pará no período de 13 de junho de 1871 a 20 de abril de 1875, tendo se destacado pelos grandes empreendimentos e serviços realizados em proveito daquele estabelecimento.

⁴ Tipo de palanque ou estrutura de madeira que se usava para executar os condenados à morte.



Figura 2. Imagem via satélite da Praça Heróis da Marinha e Praça do Arsenal, respectivamente.

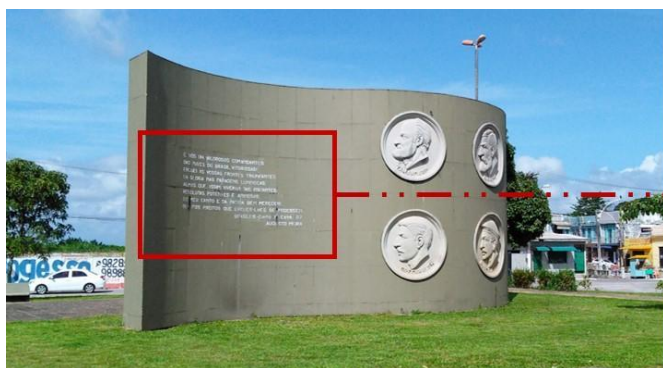
Fonte: Google Earth. Acesso em: 09 de jun. de 2021.

A Praça tem forma de um paralelogramo, tendendo ao quadrado, tendo no seu centro o busto do Almirante Tamandaré (fig. 3), considerado patrono da Marinha, o qual nomeia também a avenida que se inicia nesse sítio. Como parte da urbanização do canal empreendida nos anos 60 do século XX, foi construída uma outra praça denominada Praça Heróis da Marinha, a qual homenageia personagens considerados heróis da Batalha do Riachuelo. O espaço compõe um conjunto paisagístico com Praça do Arsenal. A Praça Heróis da Marinha, tem forma também de um paralelogramo tendendo a um retângulo, compondo-se de uma plataforma com caminhos ortogonais que dividem as áreas gramadas, que por sua vez conduzem a uma plataforma circular, cujo piso é constituído de um traçado geométrico assinalando os pontos cardeais, tendo no centro a homenagem em forma de busto a Almirante Barroso (fig. 3). Na parte oposta ao busto, há um grande painel em concreto, com forma ondulada, contendo na face voltada para o quadrante nordeste as efígies de quatro personagens importantes da Batalha de Riachuelo: os almirantes Tamandaré e Barroso, o guarda-marinha Greenhalgh e o marinheiro Marcílio Dias, respectivamente. O mural possui autoria de Heitor Usai, escultor ítalo-brasileiro radicado no Rio de Janeiro e segundo Presidente da Academia Brasileira de Belas Artes (ABBA), e foi inaugurado em 1968 (fig. 4) (SOARES, 2009).



Figura 3. À esquerda, o busto de Almirante Tamandaré, datado de 1947 e situado na Praça do Arsenal. No centro, o busto de Almirante Barroso e à direita, a localização do busto de Almirante Barroso no espaço chamado de Praça Heróis da Marinha.

Fontes: Sidney Pery, 2020; Sidney Pery, 2019; Ronaldo Marques de Carvalho, 2021.



E VÓS, OH, VALOROSOS COMANDANTES
DAS NAVES DO BRASIL, VITORIOSAS!
ERGUEI AS VOSSAS FRONTE TRIUNFANTES
DA GLÓRIA NAS PARAGENS LUMINOSAS.
ALMAS, QUE, ASSIM, VIVERAM TAIS INSTANTES,
RESOLUTAS, POTENTES E ANIMOSAS,
DO MEU CANTO E DA PÁTRIA BEM MERECEM
QUANTOS PREITOS QUE ERGUER-LHES SE PODESSEM.
BRASILEIS - CANTO XI - ESTR. 87
AUGUSTO MEIRA

Figura 4. Mural em concreto situado no espaço chamado oficialmente de Praça Heróis da Marinha com as efígies dos quatro heróis da Batalha do Riachuelo, acompanhadas por um escrito de autoria de Augusto Meira.

Fonte: Ronaldo Marques de Carvalho, 2021.

No pedestal do busto de Almirante Tamandaré, localizado na Praça do Arsenal, é possível ler a inscrição “À cidade de Belém a Marinha” e abaixo desta, a data “13-12-1947”. A data 13 de dezembro é uma alusão ao dia do marinheiro, ocasião que também remete ao nascimento do Almirante Joaquim Marques Lisboa, patrono da Marinha do Brasil. Da mesma forma, em uma placa localizada ao lado do portão pertencente ao prédio do Comando do 4º Distrito Naval, é possível ler a inscrição “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever. Homenagem da cidade de Belém”, seguida pelas datas “11 de junho”, “1865” (alusões à Batalha do Riachuelo) e “1942”, provável ano em que foi feita esta homenagem. Portanto, os referidos espaços, mantidos pela Marinha do Brasil, mantêm, desde a década de 1940, estes monumentos, homenagens que buscam evocar o passado histórico e feitos heroicos (fig. 5).



Figura 5. À esquerda, inscrição no monumento em homenagem a Almirante Tamandaré. À direita, inscrição em placa localizada próximo ao portão do prédio do Comando do 4º Distrito Naval da Marinha.

Fonte: Sidney Pery, 2020.

O PARQUE NATURALÍSTICO MANGAL DAS GARÇAS

O Parque Naturalístico Mangal das Garças, inaugurado em 12 de janeiro de 2005 (389º aniversário de Belém), possui um projeto que data do ano de 1999 e foi implantado com o objetivo de valorizar a identidade local, proteger a vegetação ciliar de aningas (*Montrichardia linifera*) e recuperar o caráter público de uma área abandonada e subutilizada, aproximando a população ao rio e ao ecossistema amazônico (GORSKI, 2008).

O terreno do Mangal, localizado às margens do rio Guamá, até antes da construção do Parque consistia em uma área ociosa de aterro urbano, sujeita a alagamentos, com dimensões de 4,05 ha e pertencente à marinha (GORSKI, 2008), e estava em processo de degradação ambiental, cercado e inacessível à população, além de desvinculado do tecido urbano. O idealizador do projeto foi o então secretário de cultura arquiteto Paulo Chaves, no então governo estadual de Almir Gabriel, que afirmou ser uma das propostas do parque a criação de um espaço naturalístico que abrangesse as diferentes macrorregiões florísticas do Estado do Pará: as matas de terra firme, os campos e as matas de várzea (MERGULHÃO, 2009).

O projeto do Mangal pode ser associado ao passeio e contemplação da natureza e paisagem, possuindo espaços e atrações como o Farol de Belém, Mirante do Rio, Borboletário, Lago Cavername e Lago da Ponta, além de atividades associadas à gastronomia (Restaurante Manjar das Garças e Martens Café) e ao turismo. O projeto não inclui a prática de esportes ou lazer cultural como em outros parques públicos, não estimulando, portanto, uma permanência prolongada do visitante no local. Ademais, apesar permitir um contato relativamente próximo dos visitantes em relação aos animais, o programa do parque demanda atividades que produzam menos ruídos sonoros e/ou movimentação brusca, afim de evitar o estresse nos



exemplares da fauna ali encontrados. Além disso, é possível, embora não previsto em seu programa original, classificar o Mangal como um jardim botânico, tendo em vista que parte do projeto destina área para o plantio de espécies vegetais da região, tal como o bacurizeiro, aningas, açazeiro, entre outros, com o objetivo de estudar uma determinada realidade paisagística (MERGULHÃO, 2009).



Figura 6. Imagens internas do Parque Naturalístico Mangal das Garças.

Fonte: Sidney Pery, 2020.

ANÁLISE DOS LUGARES

Tanto a Praça do Arsenal como o espaço chamado de Praça Heróis da Marinha possuem manutenção realizada pela Marinha do Brasil com certa periodicidade, o que garante aos locais um bom estado de conservação na maior parte do tempo. No entanto, em relação à apropriação e utilização de tais espaços pela população, a manutenção periódica não anula o fato de que ambas as praças são pouco movimentadas. A Praça do Arsenal é utilizada, em geral, por alguns poucos usuários residentes das proximidades para passear com animais de estimação, o que ocorre geralmente nas primeiras horas da manhã, quando o sol é ameno, tendo em vista que o lugar não possui uma arborização que propicie grandes sombras. Em visitas feitas à praça, foi possível observar pessoas sentadas nos bancos espalhados ao longo do local, mas nunca em número expressivo. Um ponto de ônibus localizado em uma das extremidades da praça também contribui para promover um fluxo de pessoas mais acentuado.

De uma forma geral, a praça é utilizada pela maior parte da população apenas como passagem para se chegar a locais como o prédio do Comando do 4º Distrito Naval ou o Parque Naturalístico Mangal das Garças, localizados ali próximo. Ademais, o Atrium Quinta de Pedras Hotel, localizado no lado norte de umas das vias da lateral da praça, também contribui para movimentar a área, tendo em vista que alguns taxistas costumam estacionar à espera de clientes, geralmente hóspedes do referido hotel. Esta é uma ocorrência



constante ao longo da semana, a qual se modifica, embora em pequena medida, durante os fins de semana, quando o Mangal das Garças ou festas que ocorrem no Mormaço Bar e Arte que costumam atrair mais visitantes do que o comum para a área em comparação aos dias úteis. Além disso, em uma das incursões realizadas à praça, em um domingo de manhã, foi possível observar um grupo de ciclistas que ali passava tornando a praça parte de seu trajeto. À noite, no entanto, durante as sextas e sábados, parte da calçada da praça é utilizada pelo Boteco do Arsenal, localizado nas adjacências, estabelecimento que dispõe algumas de suas mesas em uma das extremidades da praça (fig. 7).



Figura 7. Mesas do Boteco do Arsenal dispostas em uma das extremidades da praça

Fonte: <https://www.instagram.com/botecoarsenal/?hl=pt-br>.
Acesso em: 23 mai. 2021.

A mesma descrição pode também ser atribuída ao espaço da Praça Heróis da Marinha, a “continuação” da Praça do Arsenal. Neste local também está localizado, na lateral fazendo limite com a Av. Almirante Tamandaré, um ponto de ônibus, o qual contribui para promover alguma movimentação na área. No mais, apesar dos monumentos localizados no espaço, o mesmo não costuma ser utilizado nem como um local de passagem, não possuindo maiores atrativos. Tais áreas verdes públicas recebem eventos comemorativos relacionados à Marinha do Brasil, sendo uma espécie de jardim aberto do Arsenal, como é possível ver na figura 8.

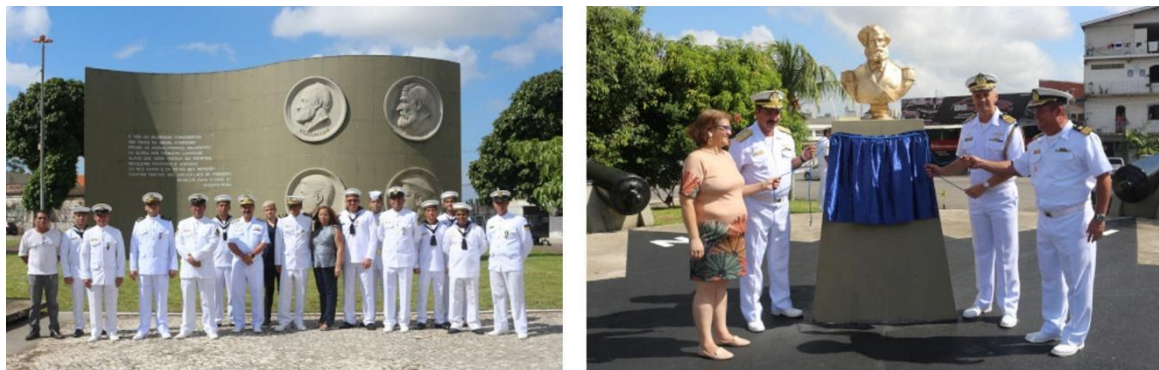


Figura 8. Cerimônia de inauguração da revitalização da Praça, ocorrida em 12 de dezembro de 2019, durante a programação da Semana da Marinha

Fonte: <https://www.marinha.mil.br/noticias/comando-do-4o-distrito-naval-revitaliza-praca-em-belem-pa>. Acesso em: 23 mai. 2021.

Os não-lugares, mais do que uma oposição à noção sociológica de lugar, são um reflexo da chamada supermodernidade, caracterizada pela aceleração da história e que surge a partir de três figuras do excesso: a superabundância factual, a superabundância espacial e a individualização das referências. A supermodernidade encontra sua expressão completa nos não-lugares (AUGÉ, 1994). Uma distinção pode ser feita entre os chamados lugares antropológicos e os não-lugares. O lugar antropológico possui ao menos três características: a premissa de ser identitário, relacional e histórico. Um lugar que não pode ser definido de acordo com essas três características pode ser classificado como não-lugar (ibid.). Em relação ao contexto das sociedades contemporâneas, um não-lugar pode ser representado por espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços (AUGÉ, 1994). Mas afinal, o que torna a Praça do Arsenal um não-lugar?

Apesar de seu contexto histórico, a Praça do Arsenal não se torna identitária à maioria da população da Belém. O Largo do Bagé, como mencionado anteriormente, foi o local escolhido para ser instalado o primeiro patíbulo da cidade. Saber que no passado esse espaço era local de violência e morte pode não evocar na população sentimentos ou memórias agradáveis, o que pode dificultar o processo de criação de laços identitários e afetivos com o local. Outra relação histórica possível de ser mencionada é a exaltação dos heróis da Marinha, os quais apesar de sua contribuição para a história e memória nacional, estão envolvidos em uma narrativa que possivelmente não é de conhecimento de boa parte da população, em ressalva aos próprios militares e seus familiares, o que faz com que a população não consiga enxergar ali relações com sua própria história ou com a cultura popular paraense. É necessário lembrar que os referidos espaços foram implantados durante um período da história brasileira marcado por governos de cunho nacional-desenvolvimentistas, entre os anos 1930 até a década de 1960. Tais governos foram marcados, além do



desenvolvimento do país por meio da indústria e obras que levassem o progresso de Norte a Sul, pela busca de uma identidade nacional, definindo, para isso, elementos capazes de “traduzir” tal identidade, a qual, naquele momento, era mais representativa de um grupo de intelectuais do que do povo brasileiro como um todo (BISPO, 2011).

Assim, a praça, apesar de, em geral ser encontrada em boas condições, pode ser definida na maior parte do tempo como um não-lugar, tendo em vista que é utilizada predominantemente como um local de passagem, sendo apropriada pela população apenas em ocasiões pontuais. Apesar de seus monumentos, não possui outros elementos que estimulam uma permanência prolongada ou a contemplação e/ou reflexão. Segundo Santaella (2012), 75% da percepção humana, no estágio atual da evolução, é visual, outros 20% são relativos à percepção sonora e os outros 5% restantes, aos outros sentidos. Podemos partir da premissa de que as condições visuais e sonoras são as mais decisivas para consolidar a identificação ou não-identificação com o lugar. Todavia, a praça do Arsenal não é um lugar visualmente desagradável ou que cause incômodo sonoro. No entanto, em Belém do Pará, principalmente no período de maio a outubro, o clima equatorial quente e úmido causa impactos notáveis no que se refere ao conforto térmico. Dessa forma, ambientes recreativos, principalmente destinados à contemplação, necessitam cada vez mais de arborização, promovendo um sombreamento natural e conseqüentemente uma sensação térmica agradável.

Ao realizarmos uma incursão à praça com o intuito de percebermos de perto a dinâmica do espaço, nos deparamos com um local de mínima ocupação. A incursão ocorreu num domingo de manhã, durante o mês de fevereiro de 2021, por volta das 9h. Logo ao chegarmos, de imediato foi perceptível a falta de vegetação no local. Devido ao fato de possuir árvores de grande porte apenas em suas extremidades e aliado ao fato de suas vias retas e precisamente definidas induzirem o usuário a caminhar até o centro, onde está localizado o seu monumento de destaque (o busto de Almirante Tamandaré), a tipologia da praça conseqüentemente conduz as pessoas de um clima agradável (alguns pontos da extremidade onde existe vegetação de médio e grande porte proporcionando alguma sombra) à sensação térmica de desconforto (o centro da praça, com o piso de concreto que absorve o calor do sol).

Na ocasião da incursão à praça, o Parque Naturalístico Mangal das Garças já havia sido aberto há pouco tempo. Sendo assim, resolvemos ir até ele a fim de esperar os demais pesquisadores. Poderíamos ter esperado na praça, mas devido a mesma estar soturna naquele momento, a sensação de insegurança nos deixou temerosos, ainda que o local esteja localizado em frente a um prédio pertencente à Marinha do Brasil. Ao adentrarmos o Parque, a sensação foi como se atravessássemos um portal, onde após a entrada era possível ver toda a vida presente em um mesmo ambiente. O fluxo de pessoas era muito mais intenso, e, assim, a sensação de segurança foi reestabelecida de imediato.



No Mangal, os passeios com desenhos orgânicos e com intensa presença de vegetação; bem como a presença de espécies de animais, algumas delas circulando livremente pelo parque e o bom aproveitamento de elementos naturais como a madeira, a água e pedras, ainda que dispostos de forma estratégica, segundo um projeto de paisagismo, não deixam de transmitir a sensação de aconchego e familiaridade comumente proporcionados pela natureza. Sarquis (2012), ao descrever o projeto do Mangal afirma que: “esse projeto demonstrou uma (intencional) proximidade com a imagem, organização e estrutura da casa ribeirinha - notadamente, a palafita erguida sobre os rios ou terrenos alagáveis da região”. Já Mergulhão (2009) destaca no projeto a utilização de materiais como a pedra-sabão e a técnica de amarração de peças com cordas, os quais remetem ao contexto e história da região amazônica. Assim, a Praça do Arsenal e o Mangal são espaços de lazer localizados a poucos metros de distância um do outro (fig. 9), mas capazes de despertar sensações opostas na percepção dos usuários.



Figura 9. Imagem via satélite da localização da Praça Heróis da Marinha (em amarelo), Praça do Arsenal (em azul) e o Parque Naturalístico Mangal das Garças (em Vermelho), mostrando a curta distância entre os espaços de lazer.

Fonte: Google Earth, <https://earth.google.com/web/@-1.46437957,-48.50468481,10.1885974a,579.83720169d,35y,78.42541037h,10.15263332t,0r>. Fotos de Ronaldo de Carvalho e Sidney Pery. Adaptação Thayse Queiróz. Acesso em: 09 jun. de 2021.



Figura 10. Imagem da Praça Heróis da Marinha.

Fonte: Ronaldo de Carvalho e adaptação Thayse Queiróz. 2021.

Em visitas anteriores ao Parque Mangal das Garças, orientados por um olhar mais etnográfico, conversamos com alguns visitantes sobre suas percepções acerca do espaço. Um dos primeiros contatos foi estabelecido com Lucélio, 30 anos, que estava acompanhado dos dois filhos, da esposa e uma senhora que aparentava ser a avó das crianças. Ele nos relatou que estava visitando o parque pela segunda vez, apesar de já morar em Belém há 10 anos. Quanto à esposa, no entanto, esta era somente sua primeira visita. Ele nos contou que costuma visitar com maior frequência espaços como a Estação das Docas e o Ver-o-Rio, bem como o Feliz Lusitânia, onde costuma levar conhecidos que vêm visitar a cidade para mostrar “o início” da mesma. Como ponto positivo do parque, Lucélio destaca o fato de “*não parecer estar dentro de Belém*”, devido ao contato com a natureza que o local promove. Como ponto negativo, destaca o fato de os visitantes não poderem chegar tão perto dos animais ou tocá-los, “*sentir um pouco da presença deles*”, nas palavras do entrevistado.

O senhor João, outro entrevistado, nos relatou que há muitos anos não mora mais em Belém, mas sempre volta pelo menos uma vez ao ano à sua terra natal, geralmente no mês de outubro, para passar o Círio de Nazaré com a família. Ele afirma que desde sua última visita ao Parque percebeu uma melhora no local, ao ver “*tudo mais verde e bonito*”, associando esse cenário ao fato da ausência de visitas ao Parque por três meses devido à pandemia. Ademais, o senhor João também elogiou o Mangal por ser uma “*uma floresta dentro da cidade*”, afirmando que só é possível ter a mesma sensação no Museu Paraense Emílio Goeldi e no Bosque Rodrigues Alves, os quais, no entanto, estão localizados em bairros mais distantes em relação à Cidade Velha.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Tuan (1980), na vida moderna, o contato físico com o meio ambiente natural, com exceção da população rural, é cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais, envolvendo este mais recreativo do que vocacional. Falas de entrevistados que se referem a sensação de estar no Mangal como “*não parecer estar dentro de Belém*” ou “*uma floresta dentro da cidade*”, demonstram o quanto é cada vez mais escassa nos centros urbanos a presença de elementos naturais compondo o cenário de presença ativa no cotidiano das pessoas, ao ponto de desassociarem a natureza da vida urbana. O prazer visual decorrente da natureza varia em tipo e intensidade (Ibid.). Ao estabelecermos um comparativo do Mangal das Garças com a Praça do Arsenal considerando os dois espaços como sendo de lazer e contemplação, devido à falta de atividade recreativa mais ativa, a intensidade de imersão do usuário é completamente diferente nos dois locais.

A praça possui tamanho significativamente inferior ao parque, o que impede a imersão total na natureza; um formato mais reto, como se até o caminhar por seu passeio necessitasse de mais formalidade. Por estar sob domínio da Marinha do Brasil, tendo em vista que devido ao prédio do Comando do 4º Distrito Naval se localiza em frente a praça, é constante a sensação de vigilância e controle pela presença dos oficiais que estão dispostos no portão de entrada, impedindo que possamos desfrutar com mais liberdade do local. Em contraponto, a forma orgânica do Parque Naturalístico Mangal das Garças transmite mais leveza e induz a uma maior liberdade (vale destacar que devido a presença dos animais, há mais regras a serem seguidas no parque do que na praça). O parque, por sua vez, possui muros que o separam do meio urbano, direcionando a vista para o horizonte oposto, onde se localiza a Baía do Guajará e ao fundo as ilhas da cidade de Belém, que devido à distância, tem destacadas apenas as copas das árvores de grande porte, apresentando um cenário quase primitivo de vegetação não tocada pelo homem. Assim, o parque permite uma considerável imersão ao meio natural, afastando em grande medida aquilo que remete à vida agitada e à correria da grande cidade.

A praça, por outro lado, não permite maior desconexão da vida urbana, seja por seu tamanho ou pela ausência de vegetação, diferentemente de outras praças de maior porte, como a Praça Batista Campos e a da República, que mesmo situadas em meio à intensa vida urbana no centro de Belém, possuem uma expressiva arborização, capaz de criar uma “parede visual e sonora” natural, “escondendo” o tráfego em volta, submersão que não é possível na Praça do Arsenal.

Essa necessidade de um contato direto com a natureza pode ser associada à cultura amazônica, que, devido a tradições e costumes propagados por povos indígenas e comunidades ribeirinhas, faz com que os rios e a floresta ocupem um lugar significativo na vida da população e constituam elementos com os quais os sujeitos se identificam. Assim, até mesmo os mais defensores da vida urbana frenética e conturbada



procuram na cidade espaços que remetam à natureza para “recarregar suas baterias” antes de retornar ao cotidiano. Essa busca por tais espaços pode ser interpretada como uma forma de escapar da realidade dos grandes centros urbanos.

A apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos. Também perdura além do efêmero, quando se combinam o prazer estético com a curiosidade científica. O despertar profundo para a beleza ambiental, normalmente acontece como uma revelação repentina. Este despertar não depende muito de opiniões alheias e também em grande parte independe do caráter do meio ambiente. As cenas simples e mesmo as pouco atrativas podem revelar aspectos que antes passavam despercebidos e este novo *insight* na realidade é, às vezes, experienciado como beleza (TUAN, 1980, p. 110).

Outro fator de destaque quanto à análise feita sobre os espaços em questão diz respeito à identificação da população do bairro da Cidade Velha e da cidade de Belém em relação aos referidos locais. Apesar dos feitos heroicos e personagens ilustres exaltados, a Praça do Arsenal e o espaço conhecido como Praça Heróis da Marinha não evocam na população uma significativa identificação com a história ali homenageada, o que torna este, em conjunto com o fato de tais espaços não oferecerem maiores atrativos além de seus monumentos, os principais motivos de essas praças, apesar de bem conservadas e localizadas no entorno do Centro Histórico de Belém, não atraírem um público maior, podendo até mesmo ser consideradas como não-lugares. Apesar da apropriação de parte da calçada da Praça do Arsenal aos fins de semana por um boteco localizado ali próximo e da utilização de uma das extremidades da mesma como ponto de táxi que atende aos hóspedes do Atrium Quinta de Pedras Hotel, a sensação de insegurança constante presente no lugar durante a maior parte do dia é um fator que também contribui sobremaneira para afastar o público.

Quanto ao Mangal, apesar de o mesmo não ser concebido para ser um parque de permanência prolongada, este já se consagrou no gosto do público como um ponto turístico que vale a pena ser conhecido e considerado ideal para se levar a família. Mesmo que o preço cobrado pelas atrações e espaços do parque façam com que parte da população o enxergue como um local “elitizado” e apesar da conduta a ser adotada pelos visitantes durante a visitação demandar certa polidez, o Mangal ainda assim acaba atraindo um público constituído não somente por moradores do bairro ou da cidade, mas também por turistas, oferecendo contato com a fauna e flora regional; vista para a Baía do Guajará, funcionando como uma “janela para o rio” e proporcionando a manutenção da relação da população com o elemento rio; além de promover a utilização de técnicas construtivas e materiais que remetem à arquitetura vernacular desenvolvida na região, o que também contribui para o resgate da identidade cultural de raízes amazônicas.



Por fim, nas incursões realizadas, além das percepções do espaço, foi possível apreender a diversidade temporal que configura a paisagem das praças, as quais testemunham um momento de urbanização de uma Cidade Velha situada após o Canal da Tamandaré. De ocupação mais recente, com ruas mais largas e espaços públicos amplos e ordenados, esta parte do bairro revela os ideais daqueles que a planejaram, aliada à relação contínua com o antigo Arsenal ao mesmo tempo em que sinaliza a entrada para o Parque Naturalístico Mangal das Garças, área militar reconvertida em espaço de lazer e fruição da paisagem. A leitura desses espaços contribui para o reconhecimento da urbanização de Belém e compreensão da capital paraense como moderna e contemporânea, com dinâmicas espaciais múltiplas e diversificadas.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Papyrus, 1994.

BELÉM. Lei Ordinária N.º 7709, de 18 de maio de 1994. *Dispõe sobre a preservação e proteção do Patrimônio Histórico, Artístico, Ambiental e Cultural do Município de Belém e dá outras providências*. Disponível em <http://www.belem.pa.gov.br/semaj/app/paginas/lom.html>. Acesso em: 29 jan. 2021.

BELÉM. Governo Alacid Nunes (1966 – 1971): Saneamento dos canais de Belém. Publicado no *Diário Oficial do Estado* de 23 de maio de 2016.

BISPO, Raphael. Selecionar, disputar e conservar: práticas de comunicação social e constituição da memória nacional pelo Iphan. *Revista CPC USP*, n. 11, p. 33-59, Nov 2010/abr2011.

COSTA FILHO, Sidney Pery da Silva. *O “sítio da patrimonial”: uma análise sobre a outra faceta do bairro gênese da cidade de Belém*. 2019. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

CRUZ, Ernesto. *História de Belém*. Vol I. Belém: UFPA, 1973. (Col. Amazônica, Série José Veríssimo).

GORSKI, Maria Cecília Barbieri. *Rios e cidades: ruptura e reconciliação*. 2008. 243 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

MERGULHÃO, Pedro. *A paisagem Amazônica no paisagismo de Belém: caso Parque Naturalístico Mangal das Garças*. 2009. 196 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.



SANTAELLA, Lucia. *Percepção: fenomenologia, ecologia e semiótica*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SANTOS, Emmanuel Raimundo Costa. História da cidade de Belém: intervenções urbanísticas. In: *XVIII Encontro Nacional de Geógrafos*. São Luís, 2016.

SARQUIS, Giovanni Blanco. *Diálogos Contemporâneos na arquitetura belenense (1979 - 2007)*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. 350f. 2012.

SOARES, Elizabeth Nelo (org.). *Largos, coretos e praças de Belém*. Brasília, DF: Iphan/ Programa Monumenta, 2009.

TUAN, Yi-fu. *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Ed. DIFEL Difusão Editorial S. A. São Paulo, SP. 1980.

SITES CONSULTADOS

<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=443395&view=detalhes>. Acesso em: 11 mai. 2021.

<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=42526&view=detalhes>. Acesso em: 12 mai. 2021.

<http://www.belem.pa.gov.br/ver-belem/detalhe.php?p=228&i=1>. Acesso em 12 mai. 2021.

<https://www.marinha.mil.br/dia-do-marinheiro>. Acesso em 16 mai. 2021.